

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 14, número 2 (2023)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Vitrines Virtuais do Sexo no Destino de Natal-RN, Brasil

*Vitrinas Virtuales de Sexo en el Destino Natal, Rio
Grande do Norte, Brasil*

*Virtual Sex Displays in Natal, Rio Grande do Norte,
Brazil*

Gabriela Cristina Ribeiro David

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil
ribeirosgabi@gmail.com

Ricardo Lanzarini

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil
ricardo.lanzarini@ufrn.br

Karoliny Diniz Carvalho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil
karolinydiniz@gmail.com

Como citar este artigo:

DAVID, Gabriela Cristina Ribeiro; LANZARINI, Ricardo; CARVALHO, Karoliny Diniz. Vitrines Virtuais do Sexo no Destino de Natal-RN, Brasil. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 14, n. 2, p. 50-72, 2023. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Vitrines Virtuais do Sexo no Destino de Natal-RN, Brasil

Vitrinas Virtuales de Sexo en el Destino Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Virtual Sex Displays in Natal, Rio Grande do Norte, Brazil

Resumo

O sexo como prática de lazer tem sido objeto de estudo de pesquisadores interessados em compreender as dinâmicas sociais do sexo nas relações entre turistas e residentes. Neste trabalho, apresenta-se a vivência feminina (cisgênero, transgênero e travestis), no destino turístico Natal-RN, em sites de agenciamento de acompanhantes. A partir da netnografia, foi possível identificar as dinâmicas dessas profissionais do sexo no atendimento de turistas em Natal-RN, bem como suas características e vivências. Dentre os resultados, destacam-se o estigma social em torno da prostituição e as vitrines virtuais do sexo como uma importante ferramenta de negócio, tanto para as profissionais do sexo quanto para os turistas.

Palavras-Chave: Turismo sexual; Mulheres; Transsexuais; Vitrines; Natal.

Resumen

El sexo como práctica de ocio ha sido objeto de estudio por parte de investigadores interesados en comprender la dinámica social del sexo en las relaciones entre turistas y residentes. En este trabajo, se presenta la experiencia femenina (cisgénero, transgénero y travestis), en el destino turístico de Natal, en el Estado de Rio Grande do Norte, en Brasil, en los sitios web de las agencias de acompañantes. Utilizando la netnografía, fue posible identificar las dinámicas de estas trabajadoras sexuales en la atención a turistas en Natal, así como sus características y vivencias. Entre los resultados, se destaca el estigma social que rodea a la prostitución y las vitrinas virtuales de sexo como una importante herramienta de negocio, tanto para las trabajadoras sexuales como para los turistas.

Palabras-Clave: Turismo sexual; Mujer; Transexuales; Vitrinas; Natal.

Abstract

Sex as a leisure practice has been the object of study of researchers interested in understanding the social dynamics of sex in the relationships between tourists and residents. This paper presents the female experience (cisgender, transgender, and transvestites) in the tourist destination Natal, in the Brazilian state of Rio Grande do Norte, on webpages of escort agencies. Through netnography, it was possible to identify the dynamics of these sex professionals when serving tourists in Natal, as well as their characteristics and experiences. Among the results, we highlight the social stigma around prostitution and the virtual sex showcases as an important business tool, both for sex professionals and tourists.

Keywords: Sex Tourism. Women. Transsexuals. Showcases. Natal.

Gabriela Cristina Ribeiro David, Ricardo Lanzarini, Karoliny Diniz Carvalho



Introdução

Ao longo dos anos e do avanço das tecnologias da informação e comunicação, as viagens foram impulsionadas pelas mais diversas finalidades, seja para lazer, negócios, eventos, religião, cultura, aventura, experiências, saúde, dentre outros (Barretto, 2003). Viajar se tornou uma particularidade importante do homem moderno que procura realizar desejos ou sonhos, além de suas necessidades. As viagens são motivadas pela amplificação do imaginário criado pelos viajantes, a partir de imagens e promoções, como, por exemplo, em propagandas em TV e internet, juntamente ao crescimento tecnológico, estabelecendo, cada vez mais, modelos e necessidades de viagens.

Refletindo sobre a associação entre lazer e turismo, há uma correlação entre ambos, uma sinergia pela qual a prática do lazer realizada no ambiente turístico auxilia na construção e na percepção da imagem do destino, seja pelo usufruto das ações relacionadas ao lazer, seja de maneira indireta, pelo consumo dos equipamentos, serviços e infraestrutura turística que darão suporte às práticas do lazer, bem como sustentarão a realização de atividades, com o objetivo de atender às demandas dos visitantes.

Um dos motivos que impulsionam as viagens é o sexo, nas mais variadas formas de prática social e organização de mercado, ganha destaque o consumo da prostituição que, na prática, consiste na realização de atividades sexuais em troca de pagamento. Não obstante, o consumo de sexo pode se destacar nas viagens não como motivo de deslocamento, mas como prática de lazer no tempo livre (Lanzarini, 2016).

A partir da relação lazer e turismo, o referido autor (Lanzarini, 2016) aponta o conceito de lazer sexual como uma prática que pode acontecer fora do mercado do sexo, mas também dentro dele, por meio do agenciamento de profissionais que podem ser encontradas nas ruas ou em sites especializados. No mundo todo, o mercado do sexo apresenta uma relação muito próxima com a atividade turística, especialmente por se tratar de um ambiente de maior liberdade moral e tempo livre, fora do contexto habitual das relações sociais.

No panorama brasileiro, o sexo tem fomentado viagens desde a década de 1970, com a saturação dos maiores destinos sexuais na região da Indonésia e as propagandas feitas pela Embratur (criada em 1966 como Empresa Brasileira de Turismo; hoje, Instituto Brasileiro de Turismo), nessa mesma época, em que se ressaltava o corpo da mulher brasileira como atração para turistas estrangeiros. Segundo Olivieri e Villa (1999), o Brasil sempre foi visto como uma local paradisíaco, tropical e provocante e, desde o período da colonização, a beleza, não só natural, é relatada aos mais diversos povos, tornando-o assim, um país conhecido por seu instigante fascínio, especialmente, pelo corpo feminino.

No cenário contemporâneo, o lazer sexual pode ser facilmente encontrado em ambientes virtuais, como resultado do processo de virtualização das relações sociais e da construção de experiências no cyberspaço (Lévy, 2009). A expansão das tecnologias de informação e comunicação permitiu maior visibilidade aos profissionais do sexo, promovendo a circulação dos corpos e imagens no ambiente virtual, a apreciação visual e estética do objeto de desejo,

em sites e aplicativos, bem como a comercialização de serviços sexuais com ênfase nos aspectos de comodidade, segurança e anonimato. Nesse panorama, as vitrines virtuais se inserem no cenário da mercantilização do corpo como objeto de consumo (Baudrillard, 2007), ao tempo em que constituem ferramentas de visibilidade e aumento da rentabilidade para os profissionais do sexo: “[...] o exibicionismo é categórico, pois para se sobressair neste contexto os usuários têm que apresentar uma “mercadoria” desejável (Couto; Souza; Nascimento, 2013, n.p.).

Tendo em vista que o universo virtual é, desde a década de 2000, amplamente utilizado no mercado do sexo, como demonstra o trabalho de Piscitelli (2005), com o advento da pandemia da COVID-19, o uso da internet registrou um aumento massivo, nos destinos turísticos. Além de possibilitar a interação online, a virtualização das práticas de sociabilidade e lazer contribuiu, na esfera do consumo sexual, para a formação de vitrines virtuais como extensão dos espaços físicos das cidades e, conseqüentemente, dos destinos turísticos, colaborando para a construção de novas espacialidades e temporalidades. Elas também redirecionam as formas de abordagem, a oferta dos serviços sexuais e como essas interações ocorrem no mercado turístico.

Em se tratando do Estado do Rio Grande do Norte-RN, onde se encontra a capital aqui pesquisada, as suas ricas atrações naturais e culturais e o clima tropical fazem desse destino um dos mais procurados no Brasil. O turismo é um dos principais indicadores do desenvolvimento do Estado, sendo a sua segunda maior fonte de renda, estimada em R\$ 593 milhões de tributos arrecadados até fevereiro de 2022; e o setor com números mais altos de empregabilidade, com mais de 100.000 empregos e 54 outras atividades direta ou indiretamente relacionadas a ele¹.

Nos anos 2000, a prostituição ligada ao fenômeno turístico em Natal-RN se tornou notícia nos principais instrumentos de comunicação do país, como "Tribuna do Norte", "Jornal O Globo" e "Portal G1", afetando negativamente outros segmentos da população, com a retirada de turistas de lazer e moradores de determinadas áreas próximas ao bairro da Ponta Negra, onde se concentrava a prostituição (Lanzarini, 2019). No entanto, a prática se tornou mais escondida, longe da vista cotidiana de moradores e turistas que viajam em famílias ou grupos, apesar da existência de locais de prostituição e do fluxo turístico concentrado de pessoas nas ruas.

Em face dessa percepção, emerge a pesquisa, cujo objetivo central consiste em compreender a vivência feminina no mercado do sexo no destino “Natal – Cidade do Sol”, no Estado do Rio Grande do Norte, no sentido de descortinar a dinâmica de interação social de turistas, em sites de agenciamento de acompanhantes durante suas estadas nesse destino. Como objetivos específicos, propõe-se: caracterizar o perfil socioeconômico e a orientação sexual de profissionais do sexo (mulheres e travestis) que atendem a turistas, especificamente, no bairro de Ponta Negra, em Natal-RN; e compreender as

1 G1 RN. Rio Grande do Norte arrecada R\$ 593 milhões em fevereiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2022/03/15/rio-grande-do-norte-arrecada-r-593-milhoes-em-fevereiro.ghtml>. Acesso em: 28 de jun. 2022.

interações e influências do universo online como motivação de lazer sexual e para a prestação de serviços sexuais a turistas.

Como campo empírico, foram analisadas as vitrines virtuais do sexo, a partir da exposição de mulheres cisgênero, transgênero e travestis no ambiente virtual, para a comercialização de suas imagens em sites especializados. Buscou-se analisar a complexidade das suas vivências no mercado de sexo, com vistas a aprofundar os debates em torno da temática e dar visibilidade às diversas formas de expressão que as viagens de lazer assumem, no contexto atual.

Viagens, lazer e a busca por sexo

As viagens, seja para fins de lazer ou de trabalho, são realizadas por pessoas que têm a necessidade de se deslocar do seu ambiente cotidiano e do seu grupo de convívio social, com vistas ao consumo de experiências diversificadas. Segundo Krippendorf (1989), a viagem turística cria, no imaginário social, a ideia de liberdade, prazer e revigoramento, uma forma de compensação das frustrações diárias. O viajante se permite a liberação moral de seus comportamentos, agindo diferentemente do que costuma praticar no seu dia a dia, criando um espaço transitório e liminar, no qual é possível manter a vida cotidiana e todas as relações sociais que a envolvem salvaguardadas dos estigmas sociais. Isso gera segurança emocional e sensação de liberdade, advindas da falta de comprometimento com o local visitado.

Nesse contexto, o viajante, ao se deparar com as novas possibilidades e vivências em seu novo destino, pode se sentir livre para a realização de experiências que ele não se permitiria em um ambiente comum, em sua rotina. Assim, ele tem a liberdade de fazer aquilo que não é permitido em seu ciclo social, seja por medo de julgamentos, status ou para manter uma reputação moral/profissional perante a sociedade, evitando estigmas que Goffman (2017, p. 13) aponta como “referência a um atributo profundamente depreciativo”. Ao viajar e sair da bolha cotidiana, com ausência de conhecidos e de pressão social, é possível se abrir para comportamentos inéditos e incomuns, sem prejuízos sociais (Lanzarini, 2016).

A partir do desenvolvimento dos transportes e das viagens organizadas no século XIX, impulsionados pelo advento da Revolução Industrial (Panazzolo, 2002), a atividade turística ganhou projeção global. As viagens começaram a ser agenciadas e associadas ao lazer, ressignificando as necessidades de deslocamento para um tipo de consumo de segunda ordem, ligado ao contexto das férias. Dumazedier (1973) entende o lazer como as ocupações às quais se pode entregar de livre vontade para o repouso, divertimento, recreação e entretenimento ou, ainda, para aprimorar os conhecimentos e a formação desinteressada, sendo desvinculadas das obrigações profissionais, familiares e sociais.

No universo do lazer, considera-se ainda que o sexo, enquanto uma prática natural e cotidiana da condição humana, vai estar sempre presente nos destinos turísticos e quanto mais turistas concentram, mais sexo será consumido/demandado, pelo acúmulo de pessoas no lugar (Lanzarini, 2016). Para além do lazer, alguns autores tratam do mercado do sexo como motivação

para as viagens, como uma forma de turismo sexual que, para Dutra (2008, p. 67) consiste em “viagens organizadas que exploram a estrutura do turismo, com o objetivo principal de facilitar o comércio sexual entre turistas e locais”. Na perspectiva de Assunção e Babinski (2010), essa prática é entendida como viagens organizadas dentro ou fora do setor do turismo, porém, utilizando as suas estruturas e redes, cuja finalidade principal é estabelecer contato sexual com os habitantes do destino, sendo, pelo menos parte da viagem, impulsionada pela expectativa e realização da relação sexual.

Leite (2007) destaca que essa prática de viagem se baseia em relações desiguais entre os países emissores e receptores de turistas, os quais reproduzem ideologias racistas e sexistas e práticas que reafirmam as diferenças sociais, econômicas, políticas e culturais. A maioria dos casos de turismo sexual está relacionado à propagação de imagens estereotipadas dos destinos turísticos, frequentemente representados pelos meios de comunicação e, em especial, pela publicidade turística, como lugares exóticos, paradisíacos, locais hedonísticos. Na divulgação de tais destinos, sobressaem-se a sexualidade exacerbada de homens e mulheres (negros e pardos) que estão disponíveis para atender às demandas de aventuras eróticas dos turistas oriundos dos países desenvolvidos.

Nesse entendimento, o turismo sexual representa a objetivação do outro, dos afetos e dos desejos, associando-se ao domínio e ao exercício do poder de uma pessoa em relação a outra, conforme debate proposto por Nadais e Santos (2012), reforçando a lógica de dominação e subordinação dos países situados na periferia do capitalismo global. Cabe destacar que essa prática é fortemente combatida pela Organização Mundial do Turismo (OMT) e pela maioria dos órgãos públicos de turismo, embora esteja visivelmente presente em destinos nacionais e internacionais.

No geral, a prostituição ainda é cercada de tabus, especialmente por questões relacionadas à moral social. Alguns lugares permitem essa prática e ainda a correlacionam como um valor agregado ao mercado turístico, como ocorre na *Red Light District* em Amsterdã, uma zona de prostituição permitida e legalizada pelo governo, que se tornou um dos grandes atrativos turísticos da cidade. Ultrapassando o apelo sexual, é uma região amplamente visitada por famílias e grupos de pessoas, que não necessariamente consumirão sexo (Pena, 2021).

A prática da prostituição é permitida em países como Holanda, República Dominicana, Tailândia, Camboja, Espanha, Filipinas, sendo até mesmo regulamentada como profissão em algumas regiões, como acontece no Brasil, conforme a Lei n. 4211/2012². Nesses destinos, os turistas podem encontrar diversas casas de massagens e casas de shows especializadas no entretenimento erótico, em que as dançarinas estão nuas ou seminuas, destacando o apelo sexual como produto em suas performances. O mesmo acontece no universo masculino, embora não seja o recorte deste trabalho.

Segundo Camargo (2019 *apud* Henriques, 2022), em países como a

2 BRASIL. Projeto Lei 4211/2012. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/551899>. Acesso em: 25 jun. 2022.



Holanda, a prostituição organizada e legalizada representa uma segurança adicional ao turista interessado e, por sua vez, poderia gerar uma proteção adicional às crianças e adolescentes. Acredita-se que quando se tem uma zona específica propícia para a prática do turismo sexual, ela deve atrair o turista intencionado, que poderia sair na cidade em busca de sexo de forma aleatória. Diante desse contexto, torna-se menos propício o surgimento de zonas sexuais dispersas pela cidade, já que há a concentração em locais específicos para esse atrativo. Isso facilita a organização urbana, a fiscalização pública, a segurança turística e a dinâmica social da comunidade local.

Entretanto, também temos destinos onde a prostituição é considerada um crime e pode ser motivo de prisão, não somente para as profissionais do sexo, mas também para seus clientes. No modelo nórdico, adotado pela Suécia, Noruega, Islândia, Irlanda do Norte e França, pagar por sexo é ilegal (Holligan, 2019). Há também lugares como o Brasil, em que a prostituição em si é permitida, mas o agenciamento dessa prática, conhecida por cafetinagem, é proibido³.

No contexto brasileiro, a imagem do turismo sempre esteve ligada à sexualidade feminina (indígena e negra), somada ao mito da orla paradisíaca (por natureza e pela promessa de sexo livre). Assim, atraído pela possibilidade de encontros com mulheres exóticas (belas e sexualmente disponíveis), o turista, especialmente estrangeiro, vem ao Brasil em busca de encontros sexuais. A grande expansão dessa forma no turismo no Brasil ocorreu durante a década de 1970, momento histórico conhecido como “o milagre econômico brasileiro”, quando a economia do país apresentava um crescimento acelerado, com taxas médias anuais superiores a 10% e a inflação atingia índices relativamente baixos, com média anual inferior a 20% (Brum, 1999). Baseada no otimismo em relação à economia e aos negócios, essa situação atraía muitos investimentos nacionais e estrangeiros, inclusive em serviços turísticos, principalmente no setor hoteleiro.

O turismo se tornou uma atividade econômica importante para o desenvolvimento do país, com foco no turismo receptivo ligado aos recursos naturais. Para atrair esses turistas estrangeiros, a Empresa Brasileira de Turismo (atual Instituto Brasileiro de Turismo) investiu na divulgação ativa da imagem do Brasil no exterior. Ressalta-se que, historicamente, o carnaval do Rio de Janeiro sempre foi destaque como produto turístico nacional, incluindo a imagem sexual das mulheres nativas como parte exótica desse produto (Marques; Mancini, 2014).

Até meados dos anos 2000, essa perspectiva do exótico era a principal propaganda vinculada ao Brasil, em sua promoção turística. Apesar dos esforços para a inversão dessa imagem, ela prepondera no contexto atual. De acordo com Bignami (2002, p. 39):

A formação da identidade nacional está inteiramente ligada à projeção da imagem do país no exterior e à aceitação do elemento exótico

3 cafetinagem é um crime dado pela exploração sexual comercial de outra pessoa, sendo considerado, de acordo com a Portaria 737 GM/MS de 2001 (Política Nacional de Redução da morbimortalidade por acidentes e violências, 2020), uma das formas de expressão da violência sexual.

como parte da própria autoimagem. [...] A imagem nacional não é resultante unicamente da visão do estrangeiro a respeito do país, embora exista uma tendência a se analisar a situação somente sob esse aspecto. O Brasil e o brasileiro parecem se interessar muito mais pelo que se diz no exterior do que pela própria formação interna do país, responsabilizando o estrangeiro pelo que o país é.

Considera-se que o turismo sexual, no Brasil, é resultado também do cenário de desigualdade econômica e de contradições sociais, além das condições estruturais e dos valores culturais que permeiam historicamente as relações afetivas e sexuais, bem como as relações de poder. Estas variam de acordo com os contextos sociais distintos e tais fatores impulsionam o segmento em regiões historicamente margeadas, como exemplo, na região Nordeste.

Em 2019, o Brasil recebeu a visita de 6,3 milhões de turistas internacionais, informação revelada pela 2ª edição do "Anuário Estatístico de Turismo 2020", desenvolvido pela Coordenação-Geral de Dados e Informações do Ministério do Turismo (MTUR). De acordo com o estudo, mais da metade desses visitantes – 3,6 milhões – veio dos países vizinhos, confirmando a força do turismo para a economia brasileira. Nesse período, os argentinos seguiram liderando a lista dos principais países emissores (1,9 milhão), seguidos pelos Estados Unidos (590 mil) e pelo Paraguai (406 mil).

O Nordeste concentra boa parte dos fluxos turísticos nacional e internacional, sendo uma região que apresenta grandes desigualdades sociais e econômicas, ele potencializa o mercado do sexo como uma oportunidade de ganhos para os residentes. A região acabou por ter um crescimento exponencial devido à procura de turistas por destinos de férias. De acordo com os dados da EXPEDIA (2018), as cidades de Natal-RN, Salvador-BA, Recife-PE e Fortaleza-CE são as mais procuradas pelos turistas e, conseqüentemente, as que mais têm demanda de consumo de sexo por turistas, seja dentro ou fora do mercado sexual.

Mercado do sexo

No cerne das sociedades ocidentais, conservadoras e patriarcais, as mulheres foram ensinadas, ao longo de décadas, a serem submissas aos seus companheiros e à família, praticando, assim, os “bons costumes” que perpetuam a moral social, o machismo estrutural (Baltolie, 2018), e impõe à mulher uma condição de inferioridade em relação ao homem. Questão estas, muitas vezes, ligada à igreja, que defende a submissão aos maridos e familiares.

Especificamente no turismo, grande parte das mulheres é contratada pelas "habilidades femininas", ou seja, pela concepção de que executam melhor serviços manuais, delicados e domésticos. Daí a forte presença em ocupações como camareiras, cozinheiras e lavadeiras, sendo desvalorizadas e tratadas como ocupantes de postos de trabalhos subalternos, representando, ainda, uma minoria em cargos de gestão (Silveira; Medaglia; Massukado-Nakatani, 2020). A mulher do turismo, principalmente quando se refere ao turismo sexual, é aquela colocada às margens da sociedade, a quem falta até mesmo a

oportunidade de trabalhar nos espaços subalternos mencionados anteriormente.

Muitas mulheres já foram vítimas de violência familiar e sexual, além de serem vítimas ocasionais da violência por parte de turistas no Brasil, sendo recorrente os casos de maus-tratos e miséria (Piscitelli; Assis; Olivar, 2011). Em se tratando da atividade turística, contudo, a autora ressalta que, em busca de uma qualidade de vida mais digna, com melhores condições de moradia e poder de consumo, é recorrente que as pessoas aproveitem as mais diferentes oportunidades, incluindo o escambo do seu corpo em troca de dinheiro ou presentes. É nessa seara que a viagem se apresenta como uma oportunidade de negócios sexuais para ambos: turistas e residentes.

No caso de mulheres, tanto as cisgênero (indivíduo que se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu) como as transgêneros e travestis (pessoa que se identifica com um gênero diferente do sexo biológico atribuído ao nascer) se inserem no jogo de mercantilização da sexualidade, em face de variadas motivações, as quais perpassam pelo cenário de desigualdades econômicas e de vulnerabilidade social, pelo desemprego e pela ausência de qualificação profissional para a inserção no mercado de trabalho e consumo. Além dessas condições estruturais, o exercício da profissão também é percebido como oportunidade para a ascensão econômica (opção favorável, que permite o aumento de ganhos financeiros a curto prazo), estratégia de sobrevivência (por ser a única oportunidade de trabalho), e mobilidade social, (caracterizada pela realização de um sonho de conhecer algum gringo, apaixonar-se e ir embora). Outras buscam, ainda, uma carreira promissora com a prostituição no turismo.

O documentário "Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado", de Joel Zito Araújo (2009) ilustra esse retrato do mercado sexual no contexto do turismo e a vivência das mulheres. São histórias de mulheres que viram, em sua sexualização, a oportunidade de obter dinheiro de uma forma digna, por mais que subjugada e invisibilizada por toda a sociedade à sua volta. No documentário também é enfatizada a exploração sexual ligada diretamente à prostituição e ao turismo sexual, em que pessoas são traficadas, vendidas e utilizadas como objeto de pouco valor, com o intuito de satisfazer desejos sexuais de indivíduos privilegiados.

No caso das travestis e transgêneros, quando trabalham com prostituição, tendem, quase sempre, a ficarem marginalizadas por um duplo preconceito, seja por sua identidade de gênero, seja por trabalharem com o mercado do sexo (Zampiroli, 2017). Ao adentrarem nesse mundo, algumas delas acreditam no sonho de encontrar o "príncipe encantado", mas elas correm muito mais riscos ao se expor à prática, visto que, de acordo com a ONG *Transgender Europe* (2017, *apud* Mott; Michels, 2017, p. 14), elas têm 14 vezes mais chances de serem assassinadas do que um homem gay cis. O Brasil é o país que mais mata trans e travestis no mundo. Conforme o relatório de 2021 da *Transgender Europe* (TGEU), que monitora dados globalmente levantados por instituições trans e LGBTQIA+, 70% de todos os assassinatos registrados aconteceram na América do Sul e Central, sendo 33% no Brasil.

De certo modo, os riscos também existem pelo fato de o país dispor de condições que estimulam relações idealizadas e a busca por elas. É o que acontece, por exemplo, quando pessoas de uma região mais pobre e violenta se

envolvem com pessoas de países mais ricos e, como efeito disso, adquirem estabilidade financeira e qualidade de vida mais elevada, algo que as “cinderelas” buscam em seus “príncipes encantados”.

Apesar dos riscos, essas profissionais do sexo são sujeitos ativos que lutam por uma vida digna. O trabalho sexual, como qualquer outro, é marcado por experiências positivas e negativas (Dejours, 1999). Esses condicionantes complexificam o debate em torno do tema, demonstrando os diferentes contextos, nuances e singularidades que envolvem o mercado do sexo, conforme enfatiza Sacramento (2017) nas suas análises sobre as relações de intimidade transatlânticas no bairro de Ponta Negra, em Natal-RN. As suas pesquisas demonstram a capacidade de autodeterminação e agência das mulheres em concretizar expectativas e projetos de vida, a partir do estabelecimento de relações afetivas no âmbito do turismo sexual, fato que pode reduzir a assimetria de poder comumente associada à essa prática. Em vista disso, compreender as prostitutas não como vítimas, mas como pessoas que estabeleceram suas atividades, para além do sofrimento, é o movimento dialético necessário para a análise e compreensão da prostituição, dado que muitas delas atuam nesse mercado por opção.

Percurso metodológico

Para a realização deste trabalho optou-se por uma pesquisa qualitativa, utilizando uma amostragem por conveniência, não-probabilística, tendo como método a netnografia, que consiste na descrição dos comportamentos, valores e informações compartilhados em ambientes virtuais. De acordo com Kozinets (2014, p. 10):

A netnografia adapta os procedimentos etnográficos comuns de observação participante às contingências peculiares da interação social mediada por computador: alteração, acessibilidade, anonimato e arquivamento. Os procedimentos incluem planejamento, entrada, coleta de dados, interpretação e adesão a padrões éticos.

Para este trabalho, a netnografia se deu juntamente com uma observação não-participante, pelos diferentes sites que divulgam perfis de profissionais do sexo (mulheres cisgênero, transgênero e travestis) na cidade do Natal-RN, por meio da catalogação e análise dos perfis disponibilizados, bem como pela coleta de depoimentos. Como lócus de análise, foram selecionados dois endereços (vitrines virtuais usadas para a venda do sexo aos turistas), aqui identificados como “vitrine virtual trans”, para as transgênero e travestis; e “vitrine virtual cis”, para as cisgênero. Neles, são encontrados perfis com fotos, vídeos, chats, opiniões de clientes, contatos e características dos locais de atendimento e tipo de serviço. Os endereços dos sites não serão divulgados a fim de se preservar a identidade das pesquisadas.

Foram coletados 54 perfis, durante os meses de setembro de 2021 a maio de 2022, os quais foram tabulados em planilhas e analisados, a partir da técnica de análise de conteúdo. Conforme explicita Bardin (2011, p. 15), a análise de conteúdo se refere ao “[...] conjunto de instrumentos metodológicos cada vez

mais sutis, em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”, com vistas a uma compreensão subjetiva do tema.

Cada perfil analisado incluiu, ainda, tentativas de entrevistas para compor a segunda etapa da análise, de modo que fosse possível identificar melhor o contexto do turismo e do mercado do sexo. Ao longo do trabalho, a principal dificuldade consistiu em efetivar as entrevistas, dado todo o contexto que envolve o trabalho e vida social dessas mulheres. Foram coletadas 04 entrevistas com profissionais do sexo que residem e atuam nas proximidades do Bairro de Ponta Negra em Natal-RN, atendendo turistas.

Desse universo, duas entrevistas ocorreram de forma online, com a utilização do *Google Meet* e do *Skype*; e as outras duas foram realizadas por meio do *Google Forms*, contendo 10 perguntas semiestruturadas, única forma aceita por elas para a concessão da entrevista. A partir delas, seria possível abrir discussões para questões relevantes ao trabalho que pudessem surgir em meio aos depoimentos. A seguir, serão apresentados os resultados obtidos nas vitrines virtuais pesquisadas e também a avaliação das entrevistas. Para fins de preservar a imagem das participantes, estas foram identificadas como Entrevistada A, B, C e D.

Resultados e discussão

Na netnografia das vitrines virtuais trans e cis, foram encontrados 26 perfis entre transgêneros e travestis e 28 de mulheres cisgêneros. Vale destacar que embora o site permita um cadastro simplificado gratuito, seus principais recursos são pagos, a exemplo de anúncios nas primeiras colocações e recomendação do seu perfil em outras páginas do site. Ao entrar nos perfis, procurou-se apreender o máximo de informações disponibilizadas aos clientes, informações consideradas primordiais no processo de sedução e competição entre os perfis, conforme segue.

Vitrine virtual trans

Nessa vitrine, a média de idade das mulheres é de 26 anos. O tipo de atendimento é majoritariamente ativo, passivo ou ambos, sem restrições, para que elas possam atender ao maior número de clientes e diferentes demandas e fetiches sexuais. A descrição dos perfis também é validada por outras informações como altura, peso e tamanho do seu “dote”, termo em “pajubá⁴” referente ao tamanho da sua genitália, agregando valor simbólico ao produto final. Essa informação é sempre bem visível, pois é uma das mais importantes nesses perfis, fato que vai ao encontro do que Lanzarini (2016) descreve, a respeito do falo como ponto essencial de poder, controle, desejo e disputa durante o ato sexual.

As fotos disponibilizadas nos perfis são, em sua grande maioria, bem produzidas e feitas por profissionais de audiovisual, demonstrando o

4 Termo comumente utilizado no referido site para designar um dialeto próprio de pessoas transgênero e travestis, identificado em praticamente todos os perfis virtuais localizados em Natal/RN.



investimento que se faz nas vitrines virtuais para o comércio do sexo, “[...] para que, assim, sejam escolhidas, como numa espécie de ‘cardápio’ com várias opções de produtos à consumação da prostituição” (Del Valle, 2018, p. 189). São fotos eróticas, feitas em estabelecimentos com banheira, boa iluminação e espaçosos, em que as mulheres estão sempre bem produzidas, com lingerie e maquiagens bem feitas e elaboradas, passando a impressão de realmente serem profissionais neste ofício, demandando tempo e dinheiro para a manutenção de uma imagem sexualmente atraente. Mas há, também, perfis “amadores”, com menos produção e fotos e vídeos visivelmente caseiros.

Ao mostrarem fotos de todo o corpo, fazem do site sua verdadeira vitrine, tendo em vista que a “Internet, como ferramenta de interação, publicidade e compra, também tem um peso determinante na formação dos campos da prostituição nas sociedades ocidentais” (Amaro, 2011, p. 64-65). Na descrição dos perfis, é sempre importante destacar o quanto suas imagens se projetam com feminilidade e discrição, atendendo em local próprio e discreto ou onde seus clientes desejarem. Vale destacar que os enfrentamentos sociais para essas mulheres é maior, dados os estigmas (Goffman, 2017) recorrentes do gênero trans ou travesti, fato que as limita no atendimento a turistas em meios de hospedagem tradicionais de Ponta Negra, como bem descrevem Lanzarini (2019).

Na descrição dos perfis também são disponibilizados os horários de atendimento. Algumas trabalham no período da noite, outras durante o dia e algumas têm disponibilidade 24 horas, pedindo apenas uma hora de antecedência até o encontro. Entretanto, algo interessante que não consta na maioria dos perfis é o valor do programa, sendo divulgado apenas um “valor a combinar”, que dá margem à negociação, variando de preço pelo tempo e tipo de serviço incluso, além de fetiches e outras exigências que possam vir dos potenciais clientes. Normalmente, aceitam variadas formas de pagamento, como dinheiro em espécie, cartão de crédito ou débito, pix e transferência bancária, oferecendo, assim, o máximo de comodidade aos contratantes.

Vitrine virtual cis

O perfil das 28 mulheres cis é bem diferente daqueles das trans e travestis avaliadas anteriormente, a começar pela idade, raramente divulgada, fato que impossibilita fazer uma estimativa de idade, mas, aparentemente, são mulheres jovens, na faixa etária entre 20 e 30 anos. O tipo de atendimento não é definido por ativo e passivo, mas a partir de uma categoria chamada *tags*, que consiste em especificar com o que essa mulher trabalha: atendimento estendido; sexo anal; público atendido (homens, mulheres, casal); atendimento domiciliar; realização de fetiches; execução de chamada de vídeo; *podolatria*; prática de *bondage*, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo (BDSM); e se possui amigas. De acordo com cada uma dessas *tags*, revela-se o tipo de atendimento. Assim, o cliente, ao entrar em contato, possui um conhecimento prévio sobre o tipo de serviço ofertado.

Com relação às fotos, identificou-se uma característica bem interessante e particular. Enquanto na vitrine virtual trans as fotos são mais profissionais, a vitrine virtual cis apresenta fotos visivelmente amadoras, em todos os perfis, e



a grande maioria não mostra o rosto. São fotos do corpo inteiro, mas sem rosto. As mulheres cis são mais contidas em suas fotos, tentando preservar alguns detalhes. Caso possuam tatuagem, é comum apagá-las, fazendo uma barragem de pixel para minimizar o seu reconhecimento fora da vitrine virtual.

Esse fato leva à reflexão sobre o lugar social dessas mulheres, que raramente vão assumir o ofício da prostituição, provavelmente porque estão envolvidas em diversos grupos sociais em que desempenham outras atividades, evitando, assim, serem estigmatizadas. Nesses casos, o turista é certamente um cliente preferencial, dado o anonimato das relações sexuais entre turistas e residentes, como descreve Lanzarini (2014), a respeito das práticas de lazer sexual masculino (hetero, bi e homossexual), no Brasil.

A descrição dos perfis não é detalhada, contendo normalmente apenas a altura. Não há uma especificação ou descrição de como são, física ou socialmente, se simpáticas, extrovertidas ou discretas. Os perfis utilizam apenas as *tags* e não fazem um breve texto sobre elas, como uma forma de apresentação/sedução, remetendo a algo mais direto. Logo, percebe-se um baixo esforço no quesito atração/sedução e preocupação com concorrência, provavelmente porque possuem um fluxo maior de clientes, com atendimentos diários.

O horário de atendimento é bem limitado e especificado na descrição dos perfis. Algumas colocam, inclusive, os dias da semana em que realizam o atendimento aos clientes, deixando claro que não gostam de insistência fora do horário por elas determinado, atendendo, geralmente, em horário comercial ou um pouco mais estendido.

Quando se trata de valores, as mulheres cis deixam seus valores já expostos em seus perfis, identificando, em alguns casos, como "não negociável". Os valores podem variar de R\$ 120,00 para a "rapidinha" até R\$ 500,00, por 2 horas. Apesar das diferenças nos perfis dos dois sites, eles funcionam com um único propósito: ser uma vitrine virtual para as mulheres que trabalham no mercado do sexo de Natal-RN e que, conseqüentemente, oferecem o principal serviço ao turista sexual, além de atender turistas que viajam a lazer, negócios ou outras motivações, que buscam por sexo como entretenimento, incrementando, assim, o serviço local de atendimento ao turista.

Análise das entrevistas

A partir da análise das vitrines virtuais, operacionalizou-se a segunda parte da pesquisa, a busca por entrevistas semiestruturadas com as profissionais do sexo, utilizando-se dos contatos disponibilizados nos anúncios. Contudo, após exaustivas tentativas sem retorno, quatro mulheres se disponibilizaram para participar da pesquisa, impondo a condição de que o encontro fosse virtual, no formato síncrono ou assíncrono. Todas as informantes se identificaram como mulheres transgênero.

As tentativas de contato com mulheres cisgênero não foram bem-sucedidas, fato que, mais uma vez, reforça o anonimato e o zelo que essas mulheres têm quanto à exposição de suas identidades. Sobre as mulheres entrevistadas durante o mês de junho de 2022, têm-se o seguinte perfil.

Quadro 1 – Perfil das entrevistadas

	A	B	C	D
Formação	Ensino médio completo	Ensino médio completo	Ensino superior	Ensino superior em andamento
Características	Mulher transgênero heterossexual, negra e que não possui outro vínculo empregatício, vivendo apenas da prostituição e de trabalhos informais e temporários (promotora de vendas, salão de beleza)	Mulher transgênero pansexual, parda e que não possui outros vínculos empregatícios, atua com outros sites de prostituição e como <i>OnlyFans</i> e <i>Camera Privê</i>	Mulher transgênero bissexual, parda e que possui um vínculo empregatício com carteira assinada	Mulher transgênero bissexual, branca e que possui vínculo empregatício com carteira assinada
Tempo de atuação no mercado de sexo online	Desde 2017	Desde 2017	Desde 2017	Desde 2021

Fonte: Dados da pesquisa, 2022..

Para sistematizar a análise de conteúdo, o quadro 2 aponta os três principais temas que direcionaram as perguntas relativas aos clientes/turistas, a saber: características, comportamento dos clientes e a sua vivência no mercado do sexo.

Quadro 02 – Caracterização dos clientes e vivência no mercado

	A	B	C	D
Características dos clientes	Hétero e casado	Hétero, casado e passivo	Hétero, casado e com boas condições	Hétero e casado
Comportamento dos clientes	Realização de fetiche	Drogas e brutalidade	Bons pagadores	Maus pagadores
Vivência no mercado sexual	Dificuldade e falta de preparação	Vida conturbada, mas dinheiro fácil	Desvalorização e precariedade	Complemento de renda

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Todas as informantes indicaram o mesmo perfil em relação às características dos turistas: 98% de seus clientes são homens heterossexuais e casados, que buscam os serviços quando estão em viagens a sós, seja a negócios ou de férias, reforçando a utilização do mercado do sexo por turistas e, mais uma vez, a materialização das zonas livres teorizadas por Lanzarini (2016) como espaço simbólico de proteção, utilizado por viajantes que buscam ultrapassar as barreiras sociais de suas sexualidades.

Dentre os relatos mais icônicos sobre a sexualidade, a entrevistada A

Gabriela Cristina Ribeiro David, Ricardo Lanzarini, Karoliny Diniz Carvalho



especificou que “o cliente quando procura a gente sente a curiosidade e prazer em admirar um corpo feminino, mas com a genitália masculina”. Isso ocorre normalmente porque esses clientes desejam ser passivos [penetrados] durante o serviço prestado, tal como descreve Pelúcio (2005) sobre o ofício da travesti e a construção de sua identidade a partir da prostituição, em que há uma identificação natural com o feminino, mas cujo falo precisa se manter como objeto de poder e negociação.

Já a entrevistada C apontou a característica de que eles são, em sua maioria, pessoas que têm uma condição financeira favorável e vêm de variadas regiões do Brasil, reportando-se a homens de idade média de 40 anos e profissionalmente bem-sucedidos, que podem pagar por prazer sexual fora do casamento heteronormativo. Sobre o uso de drogas associado ao prazer sexual, a entrevistada B argumentou:

Alguns clientes estão colocados [palavra do pajubá para clientes sob efeito de drogas] e pagam a mais pra gente usar com eles. Você tem que ser muito forte para não cair no vício, porque uma vez que você entra, fica cada dia mais difícil de sair. É uma vida mais fácil, mas temos muito envolvimento com muitas coisas erradas e pesadas, por mais que não seja nosso foco.

O uso de drogas no mercado do sexo e, em especial, na prostituição de transgêneros e travestis, é amplamente descrito por autores como Lanzarini (2019), Santana, Dutra e Salum (2016), Nascimento (2014), Rocha, Pereira e Dias (2013), Garcia (2008), dentre outros, que relatam as vulnerabilidades da vida na prostituição, especialmente quando envolvem questões de identidade de gênero e aceitação social pelos enfrentamentos que a condição da transgeneridade impõe. Nesse mesmo contexto, as entrevistadas apontaram a constante presença das drogas em suas vivências profissionais diárias, além da constante ocorrência de atos violentos.

A entrevistada D atentou ao fato de que alguns clientes são informados do valor de cada serviço/programa, mas que, na hora de pagar, querem renegociar o valor previamente acordado ou, até mesmo, sair sem pagar o programa, fato que gera revolta e, muitas vezes, confusões e atos violentos, de modo que acabam por adquirir a fama de “agressivas”. Já a entrevistada A ressaltou que muitos dos clientes buscam, principalmente, a realização de um fetiche, pois querem vivenciar experiências novas e transpor a condição heterossexual monogâmica imposta pela sociedade. De acordo com Garcia Junior (2008, p. 83):

O fetiche também é visto como fantasia. Alguns estereótipos de gênero estão presentes nas fantasias fetichistas, pois a natureza estipulou que o homem é mais agressivo e a mulher mais passiva, porém na sociedade atual os papéis são mutáveis e a mulher começou sua inserção no mercado de trabalho, passou a assumir os gastos da casa, enfim, passou a ter um papel mais ativo dentro da sociedade (embora ainda não seja tão reconhecida). No dia-a-dia estamos sempre oscilando entre o princípio do prazer e da realidade.

Para além do fetiche, o último tópico desta pesquisa se refere à vivência

Gabriela Cristina Ribeiro David, Ricardo Lanzarini, Karoliny Diniz Carvalho



dessas mulheres e suas experiências no mercado do sexo em Natal-RN. A entrevistada A se manifestou da seguinte forma:

Eu vivo essa vida porque eu sinto que não tenho oportunidade, o mercado aqui em Natal não é preparado pra mim e me sinto colocada à margem da sociedade. Não me sinto representada em nenhuma política pública e que me falta apoio do governo.

A participante mencionou que não se sente representada socialmente, atestando que a prostituição é a única opção válida para ela, no momento. Durante a entrevista, porém, ao ser perguntada com o que trabalharia se tivesse outras oportunidades, a resposta foi imediata “eu seria professora, pois era o meu sonho de criança”. Temia, contudo, que ninguém fosse dar trabalho a uma mulher transgênero, como reportam Silva, Bezerra e Queiroz (2015), ao tratarem dos impactos das identidades transgêneros na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais no município de Maceió-AL. De acordo com os referidos autores, a expressão das identidades transgêneros repercute negativamente na sociabilidade dessas mulheres que vivenciam situações de vulnerabilidade social constantes.

Já a entrevistada B, nesse quesito, adotou uma postura diferente. Ela possui uma outra perspectiva de vida:

É uma vida bem conturbada. A gente não sabe quem a gente vai encontrar por aí. A gente tem envolvimento com droga, cliente de tudo quanto é tipo, então querendo ou não ainda é perigoso, mas hoje eu faço só programa porque eu quero, mas em breve eu penso em deixar, em fazer uma faculdade de nutrição e deixar essa vida. Hoje em dia o mercado está preparado para receber a trans. 10 anos atrás não, a gente era tratada como lixo mesmo e não tinha oportunidade, mas hoje em dia a gente tem uma oportunidade de deixar essa vida se a gente for forte. Em Natal ainda tem uma resistência, é uma cidade pequena. Mas em outras cidades como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo são mais abertas, então a gente consegue um emprego formal mais fácil.

São duas visões completamente diferentes sobre a mesma perspectiva, duas vivências diferentes sobre o mesmo aspecto. Enquanto para a entrevistada A “o mercado não está pronto”, para a entrevistada B, “você precisa só de força de vontade”. É uma questão de oportunidades e contexto sociocultural que, na realidade brasileira, é bastante diverso.

No caso da entrevistada C, ela sente uma desvalorização da sua pessoa: “a gente é desvalorizada pelas pessoas daqui, somos julgadas pela profissão que exercemos e acham que isso afeta nossa índole. Não temos representatividade, mas pelo menos é um bom dinheiro que a gente ganha”. O preconceito, o julgamento das pessoas e até mesmo a falsa moralidade são as coisas que mais afetam a entrevistada C, principalmente porque as pessoas costumam julgar a condição alheia sem compreender o que se passa na vida privada, tampouco os motivos que levaram a essas escolhas. Para ela, não há problema em se



prostituir, pois trata-se de uma forma digna de ganhar dinheiro e ela não vê problema nisso.

Por último, a vivência da entrevistada D, que está há menos tempo no mercado e entende que essa é uma forma mais rápida de obter dinheiro. Sobre sua experiência, ela relata que “tem sido boa até então, quero investir mais na carreira de puta. Dá um dinheiro bom e consigo comprar minhas coisas. Sou minha própria chefe, até então tá ótimo”. Para ela, a prostituição serve apenas para que ela faça uma renda extra e cubra alguns de seus gastos, mantendo uma vida mais confortável e conveniente.

Diante das entrevistas realizadas, é interessante notar que as experiências são diversas, dependendo de cada contexto. Enquanto algumas mulheres são oprimidas pelo sistema e pelos estigmas sociais, outras consideram conveniente e adequado o trabalho no mercado do sexo. Como nos lembra Araújo (2006), a existência e a permanência da prostituição decorrem de uma gama diversificada de fatores sociais, econômicos, culturais e biográficos. Na visão do autor, a prostituição é um fenômeno social complexo e multifacetado, não podendo ser analisado a partir de modelo explicativo monocausal, rígido ou estático. O sexo como motivação ou prática de lazer no turismo segue o mesmo direcionamento, transitando entre a manutenção da subalternidade comumente associada à condição feminina e a possibilidade de emancipação e autonomia, a partir da livre manifestação das suas escolhas e dos seus desejos.

Considerações finais

A partir desta pesquisa foi possível compreender a dinâmica do turismo sexual em Natal-RN, por meio das vivências das mulheres que atendem aos turistas no bairro de Ponta Negra, um dos redutos tradicionais de prostituição da cidade. As mulheres que trabalham com o sexo se expõem a diversos riscos para obter dinheiro de uma forma digna e honesta. A venda do próprio corpo não é entendida como crime e elas têm o livre arbítrio para tal, mas são julgadas pela sociedade, por ferir os bons costumes que perpetuam a moral social cristã, monogâmica e heteronormativa.

Seja ela cis ou transgênero, o estigma social da prostituição prevalece, fazendo com que sejam menosprezadas pela sociedade e pelo mercado turístico para o qual prestam serviços.

A vida no mercado do sexo em Natal-RN reflete o contexto moral nacional que, de acordo com as entrevistadas, é desafiador, mas também é diverso, em relação às oportunidades que cada mulher carrega em sua história de vida. Ainda há quem faça porque sente que o mercado de trabalho convencional não está preparado para receber e acolher pessoas trans. Também há quem pense que essa profissão não tem futuro a longo prazo, sendo apenas uma condição passageira, na busca por novas oportunidades e condições mais dignas de vida.

Em relação às limitações do estudo, a maioria das garotas de programa não se dispuseram a falar sobre suas vivências, especialmente por desconhecerem a sua importância na produção de conhecimento ou porque não veem a necessidade/utilidade de tais pesquisas. É claro que a restrição também decorreu do fato de que muitas não querem se expor. Isso ficou bem claro na busca pelas entrevistadas, quase sempre, sem sucesso. O número de



informantes que aceitou participar da pesquisa não atingiu a expectativa inicial, embora fosse comunicado que o estudo não faria referência às informações pessoais, tanto para preservar a identidade das entrevistadas, quanto para que elas se sentissem mais livres durante a exposição dos seus relatos. Apesar dos esforços dos pesquisadores, faltava o entendimento, por parte das mulheres, de que este trabalho consiste em uma forma de lhes dar voz e visibilidade; e que a prostituição aliada ao mercado turístico precisa ser melhor compreendida para que seja possível lidar com os desafios da estigmatização e do preconceito.

Desse modo, percebe-se a vulnerabilidade dos estudos do turismo a respeito do tema e a urgência de maiores debates. A prostituição tem se modernizado e, hoje, tanto por facilidade quanto por segurança, elas buscam sair das ruas, utilizando anúncios e atendimentos no formato virtual. Assim, as vitrines virtuais do sexo se apresentam como uma importante ferramenta, tanto para as profissionais do sexo quanto para os turistas, ao proporcionarem maior comodidade e segurança na busca por sexo durante as viagens.

Para trabalhos futuros, sugere-se dar oportunidade para que mais mulheres possam se expressar e mostrar suas vivências do fenômeno turístico, a partir de outros olhares e experiências diversas.

Agradecimento

Esta pesquisa teve financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), durante os meses de agosto de 2021 e julho de 2022.

Referências

AMARO, Marisa Carço. La prostitución en la era digital: análisis de estructuras y contenidos de los anuncios publicitados en Internet. *Ex aequo*, n. 24, 2011, p. 61-78, 2011.

ARAÚJO, Joel Zito. **Documentário Cinderelas, Lobos e um príncipe encantado**, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6BZG-6heFXw>. Acesso em: 15 maio 2022.

ARAÚJO, Rogério. **Prostituição: artes e manhas do ofício**. Goiânia: Cãnone; UCG, 2006.

ASSUNÇÃO, Lorraine Wenzel; BABINSKI, Luciana Raquel. Turismo sexual no Brasil: causas e efeitos ao turismo brasileiro. *In: Encontro Semintur Jr. Anais [...] Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 2010*. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/turismo_sexual.pdf. Acesso em: 18 jun. 2022.

BALTOLIE, Izabele. A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo. *Revista da Escola Superior da Magistratura do Estado de Santa Catarina - ESMESC*, v. 25, n. 31, p. 239-264, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad.: Luís Antero Reto; Augusto

Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 13 ed. rev. e atual. Campinas: Papyrus, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BELELI, Iara; OLIVAR, José Miguel Nieto. Mobilidade e prostituição em produtos da mídia brasileira. *In*: ASSIS, Gláucia Oliveira de; OLIVAR, José Miguel Nieto; PISCITELLI, Adriana (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas: Coleção Encontros; Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero; UNICAMP. 2011. p. 491- 535.

BIGNAMI, Rosana. **A imagem do Brasil no turismo: construção, desafios e vantagem competitiva**. São Paulo: Aleph, 2002.

BRASIL. **Projeto Lei 4211/2012**. Regulamenta a atividade dos profissionais do sexo. Brasília: Câmara dos Deputados, 2012.

BRUM, Argemiro Jacob. **O Desenvolvimento Econômico Brasileiro**. Editora UNIJUI, 1999.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. Ijuí: São Paulo: N-1, 2019.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Hospitalidade, turismo e lazer. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 13, n. 3, p. 1-15, 1 jul. 2019.

COUTO, Edvaldo Souza; SOUZA, Joana Dourado França de; NASCIMENTO, Sirlaine Pereira. Grindr e Scruff: amor e sexo na cibercultura. *In*: SIMPÓSIO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS E SOCIABILIDADE – SIMSOCIAL Anais [...] Salvador: Faculdade de Comunicação da UFBA, 2013. Disponível em: http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n1_grindr_49464.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

DEJOURS, Christophe. **Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no Trabalho**. São Paulo: FGV, 1999.

DEL VALLE, Ricardo Mingareli. **A representação simbólica das práticas sexuais na arquitetura: da inserção signica figurativa à interferência na imagem da paisagem urbana**. Dissertação (Mestrado Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2018.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUTRA, José Luis Abreu. O estado-da-arte: situação, ações, distorções e omissões na relação entre turismo e combate à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes na cidade do Rio de Janeiro. *In*: TENÓRIO, Fernando; BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros. **O setor turístico versus a exploração sexual na infância e na adolescência**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2008.



EXPEDIA GROUP. **Top 15 cidades favoritas do nordeste pelos viajantes brasileiros**, 2018. Disponível em: <https://www.expedia.com.br/stories/top-15-cidades-favoritas-do-nordeste-pelos-viajantes-brasileiros/>. Acesso em: 01 jul.2022.

FEIJÓ, Fernando Carrazedo. **O ambiente da prostituição ligado ao turismo brasileiro: turismo sexual ou prostiturismo**, 2002. Disponível em: <https://copec.eu/congresses/cbpa2002/proc/2002/TM25.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022.

G1 RN. **Rio Grande do Norte arrecada R\$ 593 milhões em fevereiro**, publicado em 15 de março de 2022, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2022/03/15/rio-grande-do-norte-arrecada-r-593-milhoes-em-fevereiro.ghtml>. Acesso em: 28 de jun. 2022.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Prostituição e atividades ilícitas entre travestis de baixa renda. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 11, n. 2, p. 241-256, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v11i2p241-256>>. Acesso em 03 jul. 2022.

GARCIA JUNIOR, Carlos Alberto Severo. Entre Quatro Paredes: o gênero no fetiche. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, n. 6, 2008. Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo189.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2022.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GUTIERREZ, Gustavo Luís. **Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas** (Coleção física e esportes). Campinas: Autores associados Chancela editorial CBCE, 2001.

HENRIQUES, Rodrigo André Aguilar. **Turismo sexual em Portugal e no mundo**. 2022. Disponível em: <https://apatrria.org/sociedade/turismo-sexual-em-portugal-e-no-mundo/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

HOLLIGAN, Anna. **Os jovens que querem criminalizar clientes de prostitutas na Holanda**, publicado em 13 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47909096#:~:text=No%20modelo%20n%C3%B3rdico%2C%20adotado%20para,lucrar%20sobre%20a%20prostitui%C3%A7%C3%A3o%20alheia.> Acesso em: 04 jul. 2022.

LANZARNI, Ricardo; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Lazer sexual masculino no Brasil. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, n. 2 v. 21/22, p. 59-67, 2014.

LANZARNI, Ricardo. **Zonas livres: entre trabalho, viagens e sexo**. Ituiutaba: Barlavento, 2016.



LANZARINI, Ricardo. Zonas livres: liberdade e anonimato no contexto das viagens. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira; LANZARINI, Ricardo; SANTOS, Rosselvet José (Org.). **Cultura, natureza e saberes na dinâmica territorial do turismo**. Ituiutaba: Barlavento, 2019, p. 244-277.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online [recurso eletrônico]. Trad.: Daniel Bueno. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Penso, 2014.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LEITE, Maria Jaqueline de Souza Leite. **Turismo sexual**: a exploração das mulheres na dinâmica do turismo sexual. Salvador: Chame – Centro Humanitário de Apoio à Mulher, 2007.

MARINHO, Marcela Ferreira. Turismo sexual: análise dos contextos acerca da teoria da Representação Social. In: Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul SEMINTUR, v. 5, **Anais [...]** Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 2008. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/tpIVSeminTur%20/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_5/trabalhos/arquivos/gt05-07.pdf. Acesso em: 18 jun. 2022.

MARQUES; Nicole Kira; MANCINI, Lorena Angélica. Turismo sexual: carnaval, os prazeres da carne. **Turismo & Sociedade**, v. 7, n. 2, p. 330-358, 2014.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Anuário Estatístico de Turismo 2020 – Ano base 2019**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/observatorio/anuario-estatistico#:~:text=A%202%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%20do%2047%C2%BA,o%20entendimento%20do%20seu%20conte%C3%BAdo>. Acesso em: 25 jun. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE POLÍTICAS DE SAÚDE. Política Nacional de Redução da morbimortalidade por acidentes e violências. Informes Técnicos Institucionais. **Rev. Saúde Pública**, v. 34, n. 4, 2000.

MOTT, Luiz. MICHELS, Eduardo, PAULINHO. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil**: relatório 2018, 2019. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022.

MULHER COM LOCAL. Disponível em: <www.mulhercomlocal.com.br/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

NADAIS, C.; SANTOS, N. O lazer, o erotismo e a sociedade contemporânea. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 1. Centro de Estudos



de Geografia e Ordenamento do Território, 2012. p. 143-163. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/21114>. Acesso em: 29 out. 2023.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. Corpo-afeto, corpo-violência: experiências na prostituição de estrada na Paraíba. **Revista Ártemis**, v. 13, n.1, p. 69-86, 2014.

OLIVIERI, Antonio; VILLA, Marco. **Carta do Achamento do Brasil**. São Paulo, Callis, 1999.

PANAZZOLO, Flávia de Brito. **Turismo de massa**: um breve resgate histórico e a sua importância no contexto atual, 2002. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt8-turismo-de-massa.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, v. 25, p. 217-248, 2005.

PENA, João. A Prostituição e a Imagem da Cidade de Amsterdã. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 12, n. 1, p. 97-128, 2021.

PIMENTEL, Raphael Felipe Diniz. A hospitalidade brasileira no mercado turístico internacional. **Observatório de Inovação do Turismo - Revista Acadêmica**, v. 7, n. 2, 2012.

PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira.; OLIVAR, José Miguel Nieto. **Gênero, sexo, afetos e dinheiro**: mobilidades transnacionais. Campinas: Coleção Encontros; UNICAMP/PAGU, 2011.

PISCITELLI, Adriana. **Turismo sexual envolve amor, sonho, casamento e ascensão**, publicado em 31 de janeiro de 2005, 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3101200514.htm>. Acesso em: 18 jun. 2022.

PORTAL EBC. Cine Nacional. **Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado**: Obra do diretor Joel Zito Araújo reflete sobre a exploração sexual, publicado em 02 de agosto de 2017, 2017. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/ciclos-de-cinema/episodio/cinderelas-lobos-e-um-principe-encantado>. Acesso em: 28 jun. 2022.

PORTAL UNIT (Tiradentes). **Falta de leis e preconceitos ainda pairam sobre a prostituição no Brasil**, publicado em 10 de novembro de 2021, 2021. Disponível em: <https://portal.unit.br/blog/noticias/falta-de-leis-e-preconceitos-ainda-pairam-sobre-a-prostituicao-no-brasil/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

RICHTER, Linda Exploring the political role of gender in tourism research. In: THEOBALD, William. **Global Tourism**. 2. ed. Oxford: Butterworth – Heinemann, 1998.

RIBEIRO, Fernando Bessa; SACRAMENTO, Octávio. Sexo, amor e interesse

entre gringos e garotas em Natal. **Revista Cronos**, v. 7, n. 1, p. 161-172, 2006.

ROCHA, Rita Martins Godoy; PEREIRA, Débora Letícia; DIAS, Thaísa Magna. O contexto do uso de drogas entre travestis profissionais do sexo. **Saúde e Sociedade**, v. 22, n. 2, p. 554-565, 2013.

SACRAMENTO, Octávio. Mulé tem que ficar esperta: turismo, encontros passionais e gestão feminina da intimidade no Nordeste do Brasil. **Mana**, v. 23, n. 1, p. 137-165, 2017.

SANTANA, Júlio César Batista; DUTRA, Bianca Santana; SALUM, Gabriel de Barros. Vivências de travestis sobre a prostituição em um município do interior de Minas Gerais. **Revista Norte Mineira de Enfermagem – RENAME**, v. 5, n. 2, 2016.

SILVA, Rodrigo Gonçalves Lima Borges da; BEZERRA, Waldez Cavalcante; QUEIROZ, S. B. de. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, n. 3, p. 364-372, 2015.

SILVEIRA, Carlos Eduardo; MEDAGLIA, Juliana; MASSUKADO-NAKATANI, Marcia Shizue. O mercado de trabalho dos egressos de cursos superiores em turismo comparações dos dados de 2012 – 2018. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo - RBTUR**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 83-94, 2020.

Travesti com local. **Acompanhantes travestis com local**, 2022. Disponível em: www.travesticomlocal.com.br/. Acesso em: 29 jun. 2022.

ZAMPIROLI, Oswaldo. Amores subterrâneos: família e conjugalidades em trajetórias de prostitutas trans-travestis. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women's Worlds Congress **Anais [...]** Florianópolis, 2017,ISSN 2179-510X. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498860980_ARQUIVO_AmoresSubterraneos-OswaldoZampiroli\(FG\).pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498860980_ARQUIVO_AmoresSubterraneos-OswaldoZampiroli(FG).pdf). Acesso em: 01 jul. 2022.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Gabriela Cristina Ribeiro David: Conceituação, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Escrita.

Ricardo Lanzarini: Conceituação, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Escrita.

Karoliny Diniz Carvalho: Conceituação, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Escrita.

Recebido em 26 de abril de 2023.

Aceito em 05 de agosto de 2023.

Gabriela Cristina Ribeiro David, Ricardo Lanzarini, Karoliny Diniz Carvalho